

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

NATÁLIA DINIZ DE LIMA TARGINI

**EDUCAÇÃO JUDAICA A TRANSMISSÃO DA CULTURA, TRADIÇÃO NA
INFÂNCIA E O CONHECIMENTO EMPÍRICO QUE MOLDAM A EDUCAÇÃO
FORMAL E INFORMAL.**

Relatório Final apresentado como parte das exigências da disciplina Trabalho de Graduação à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba.

Orientador: Prof^o Ms.Roberto Gomes Monção Júnior

São José dos Campos/SP
2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a D'us por estar presente em todos os momentos da minha vida, Deus dos meus antepassados que não se esqueceu das gerações, e não ter desistido de mim e por isso agradeço,

À minha mãe, pelo apoio nos meus estudos e pelo carinho.

Ao professor Roberto Monção, meu orientador, pela atenção, disponibilidade, seriedade.

DEDICATÓRIA

“[...]Eu sou o Deus de seus antepassados, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó. ” (BÍBLIA, ÊXODO 3:6)

RESUMO

O trabalho de pesquisa teve por objetivo mostrar a importância da cultura escolar constituída por meio da polissemia da história e da educação judaica que se alicerça numa cultura milenar em suas tradições e crença religiosa. Compreender a transmissão da educação judaica na infância que é passada de geração em geração, através da educação formal e informal. A pesquisa acadêmica é resultado de uma longa bibliografia que busca se aprofundar entre a tradição e o conhecimento empírico que moldam a educação formal e informal. O estudo compreende pesquisa qualitativa exploratória que tem como fonte a revisão bibliográfica, cujo direcionamento se volta ao entendimento da cultura escolar, particularmente no que se refere à formação dos indivíduos, à sua seleção e ao seu desenvolvimento a partir da ótica judaica de educação. A escola como instituição que se estrutura sobre processos, valores, significados, constituidores da própria cultura, não é monolítica, nem estática, assim este trabalho de pesquisa se volta à educação informal que se difere da educação formal em dois sentidos, em que a primeira se processa em todo tempo através dos pais judeus, em todas as circunstâncias e independe de local; a segunda se prende a um tempo e local determinado às Instituições Judaicas de Transmissão das leis.

Palavras-chaves: Educação, Judaísmo, Cultura, Infância.

ABSTRACT

The research work aimed to show the importance of school culture constituted through the polysemy of Jewish history and education that is based on a millennial culture in their traditions and religious belief. Understand the transmission of Jewish education in childhood that is passed from generation to generation, through formal and informal education. Academic research is the result of a long bibliography that seeks to deepen between tradition and empirical knowledge that shape formal and informal education. The study comprises exploratory qualitative research that has as source the bibliographical review, whose direction turns to the understanding of school culture, particularly with regard to the formation of individuals, its selection and its development from the Jewish perspective of education. The school as an institution that is structured on processes, values, meanings, constituting culture itself, is not monolithic, nor static, so this research work turns to informal education that differs from formal education in two senses, in which the first takes place at all times through the Jewish parents, in all circumstances and regardless of location; the second is tied to a time and place determined to the Jewish Institutions of Transmission of Laws.

Keywords: Education, Judaism, Culture, Childhood.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	HISTÓRIA JUDAICA: ÉTNICA, RELIGIOSA, SOCIAL, TERRITORIAL.....	10
2.1	CARACTERÍSTICA ÉTNICA	10
2.2	CARACTERÍSTICA RELIGIOSA.....	11
2.3	ASPECTO SOCIAL.....	12
2.4	ASPECTO TERRITORIAL	12
2.5	QUESTÕES TERRITORIAIS DO POVO JUDEU	13
3	A CULTURA JUDAICA	17
3.1	EDUCAÇÃO DO PERÍODO ELEMENTAR DAS INSTITUIÇÕES JUDAICAS	21
3.2	A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
3.3	A ESCOLA.....	24
3.4	DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E DA LINGUAGEM INFANTIL	24
3.5	TEORIA DA MEDIAÇÃO	26
3.6	PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO JUDAICA	27
4	CULTURA E CULTURA ESCOLAR.....	29
4.1	CULTURA	29
4.2	CULTURA ESCOLAR	29
4.3	CURRÍCULO PARA EDUCAÇÃO INFANTIL DO BRASIL.....	31
4.4	DADOS SOBRE A EDUCAÇÃO JUDAICA	40
4.5	JUDEUS NO BRASIL (TAXA DE ESCOLARIDADE).....	40
5	SABERES DO JUDAÍSMO.....	42
6	CONCLUSÃO.....	43
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Ao tratar sobre as características marcantes de uma nação que se perpetua há vários anos, não poderemos deixar de elucidar acontecimentos que cercam a história do Povo Judeu pertinentes aos seus princípios de vida, moralidade, costumes e tradições.

A educação judaica está intimamente relacionada com o ensino das escrituras sagradas chamadas “Torá”, a palavra em hebraico que significa “Lei” na qual Deus entregou para Moisés no Monte Sinai a fim de ensinar ao povo hebreu como ter uma vida constituída a partir de valores morais e de bons costumes. O presente trabalho tem por objetivo apresentar a importância da cultura escolar constituída por meio da polissemia da história e da educação judaica.

Ao longo da elaboração desta pesquisa trataremos primeiramente da história judaica e seus aspectos: étnicos, religiosos, sociais, territoriais, a seguir, abordaremos sobre a cultura judaica como ela originou-se e se consolidou no passado e no presente, como a educação judaica e suas características peculiares estão entrelaçadas com a religião judaica que norteia princípios judaicos e a tradição oral e escrita, consolidando a identidade do povo judeu. Além disso, como a transmissão da história, cultura e educação judaica se dão na infância, estendendo de geração em geração e entre as gerações como mandamento e dever de cada judeu. A fim de traçar padrões educacionais do passado judaico até os dias de hoje, faz-se necessário, explorar mais a fundo as origens desta civilização.

A metodologia empregada neste trabalho de graduação embasa-se em pesquisa bibliográfica e bases de dados: Scielo, Anped, com base na obra Unesco (1972), Vida e Valores do Povo Judeu, com especialistas de várias partes do mundo em questões judaicas, Educação e Talmud. Este Trabalho de Graduação também se embasa nos estudos de Vygotsky em relação à formação social, às questões que envolvem a cultura escolar a partir de Dominique (2001), a LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 96/97, entre outros autores que contribuem para a elaboração da pesquisa com o intuito de refletir sobre a cultura escolar a partir da ótica judaica de educação.

O presente estudo, de cunho teórico, trata-se de uma pesquisa analítico-descritiva, qualitativa e exploratória, realizada através de uma profunda revisão da literatura disponível. A pesquisa analítica envolve avaliação aprofundada de informações disponíveis para explicar o contexto de um fenômeno, gerando maior compreensão de eventos já ocorridos que possam auxiliar na explicação da situação presente. A pesquisa descritiva descreve características de determinado fenômeno ou realidade com a finalidade de determinar possíveis relações entre variáveis.

A pesquisa qualitativa é baseada em coleta de dados de interações sociais, ou interpessoais. Trata da interpretação de informações, onde o pesquisador é a única fonte de interpretação de dados. Observamos que a pesquisa qualitativa tem o foco na interpretação de dados, ênfase na subjetividade, a análise de dados é interpretativa e descritiva e os resultados são situacionais dependendo do contexto.

Sendo que a pesquisa exploratória objetiva explorar possibilidades e situações com o problema em questão, tal pesquisa pode utilizar-se de levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado, construir hipóteses e observação para coletar dados.

Para tanto o trabalho foi organizado, serão utilizadas as bases de dados: Scielo, Anped, com base na obra Unesco (1972), Vida e Valores do Povo Judeu, com especialistas de várias partes do mundo em questões judaicas, Educação e Talmud de Szpiczkowski (2008), para a fundamentação teórica. Este Trabalho de Graduação também se embasa nos estudos de Vygotsky em relação à formação social, às questões que envolvem a cultura escolar a partir de Dominique (2001), a LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 96/97, entre outros autores cujas obras contribuem para a elaboração desta pesquisa com o intuito de refletir sobre a cultura escolar a partir da ótica judaica de educação.

A lei que orienta as ações educacionais brasileiras LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (artigo 33, alterado pela Lei nº 9.475/1997) estabelece os princípios e fundamentos que devem alicerçar epistemologias e pedagogias do Ensino Religioso, cuja função educacional, enquanto parte integrante da formação básica do cidadão, é assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa, sem proselitismos.

A busca por conteúdo da literatura disponível foi realizada através dos seguintes descritores: educação, judaísmo e infância.

Quando nos referimos a cultura é importante refletir o significado da palavra e suas incontáveis definições e enfoque, pois a palavra cultura tem amplo sentido, no aspecto educacional, etnográfico, histórico, social, filosófico, religioso, político, antropológico, mas neste contexto destaca o princípio determinante de modo de pensar e agir de um povo, nação ou sociedade.

Outrossim, a cultura escolar é o conjunto de prática e saberes didáticos que transmitem diferentes conteúdos, regras, comportamentos, normas sociais, realizados na instituição educacional. Porém, dentro da cultura escolar também se sobressai o processo de transmissão cultural de determinado grupo social que são passados de geração em geração.

Nessa perspectiva, a escola dialoga com a comunidade na qual está inserida, que forma a prática de saberes no cotidiano escolar.

2 HISTÓRIA JUDAICA: ÉTNICA, RELIGIOSA, SOCIAL, TERRITORIAL.

Segundo Schiffman (1991) as origens do povo judeu remontam a relatos de outras nações para confirmar a existência desse povo na história advinda dos patriarcas judeus. As referências ao *Habiru*¹ e ao problema de sua identidade com os hebreus, tanto quanto a ocorrência do nome Israel na *Estela de Merneptá*² são certamente importantes para o nascimento dessa nação. Entretanto, o interesse de um povo a respeito de suas origens envolve, indubitavelmente, suas próprias tradições de forma singularidade, assim como valores internos de autogoverno. (Schiffman,1991)

Apesar disso, não há dúvida de que, pelos traços distintivos de Israel, o testemunho do próprio povo sobre suas origens (as histórias sobre seus ancestrais) deve ser encarado como fonte original. De acordo com a Bíblia, podemos reconhecer quatro características básicas do povo judeu desde o início: característica étnica, religiosa, social, territorial, das quais exemplificaremos logo a seguir.

2.1 CARACTERÍSTICA ÉTNICA

A característica étnica é verificada, não só pela tradição, mas também pela posição particular do povo judeu nesta família de nações. A exemplo disso, consideramos a antiga tradição preservada na Bíblia em que o Patriarca Abraão era casado com sua prima Sarah, os casamentos eram concretizados entre pessoas que podiam ser da mesma linhagem familiar, podendo assim, manter a tradição e não havendo casamentos entre vizinhos ou estrangeiros. Desta forma, constituíam-se filhos que era o meio pelo qual essa família se tornaria bem vista para a comunidade e sagrada para Deus.

¹ Nome dado por várias fontes Sumérias, Egípcias, Acádias, Hititas e Ugaríticas (datadas aproximadamente de antes de 2000 a cerca de 1 200 a.C.

² A Estela de Merneptá, também referida como Meremptá ou Merenptah e Estela de Israel, é um dos únicos documentos egípcios que fazem referência ao nome de Israel, referindo-se ao povo israelita

2.2 CARACTERÍSTICA RELIGIOSA

Notamos o desenvolvimento religioso que é simbolizado na Bíblia por três figuras da história primitiva de Israel: Abraão, Isaac, Jacó ou Israel e Moisés. “Abraão é considerado o pai do povo, segundo relatos bíblicos conduz o povo a Deus, e Deus promete as terras aos seus descendentes e cumprir com sua promessa de o fazê-lo o pai de uma numerosa nação. A segunda etapa do desenvolvimento religioso de Israel é associada à figura de Jacó ou Israel. As lutas entre Isaac³ e Ismael⁴ e entre Jacó e Esaú⁵, por direitos e benefícios de nascença são lutas pela herança de Abraão. A estória foi uma referência para consolidar e moldar a fé do povo de Israel, principalmente, no episódio em Gênesis, quando Jacó foi cauteloso e recusou outros deuses estranhos e Deus renovou o pacto com ele.

Fez também Jacó um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta jornada que empreendo, e me der pão para comer e roupa que me vista, de maneira que eu volte em paz para a casa de meu pai, então, o Senhor será o meu Deus, e a pedra, que erigi por coluna, será a Casa de Deus; e, de tudo quanto me concederes, certamente eu te darei o dízimo. (BÍBLIA, GÊNESIS 28:20-22)

O terceiro e decisivo estágio do desenvolvimento religioso do povo é o Êxodo do Egito e a revelação no Monte Sinai. A antiga tradição e a libertação do povo da escravidão, os erros no deserto e o estabelecimento do pacto religioso no Monte Sinai, como uma cadeia de acontecimentos através dos quais os Filhos de Israel se tornaram a Nação de Israel, a congregação dos Filhos de Israel ou a Assembleia dos filhos de Israel. (BÍBLIA, ÊXODO 19:1-7).

Neste estágio, Deus deu-se a conhecer ao seu povo, Deus que os guiou para fora do Egito e que lhes deu a Torá e os mandamentos pelos quais deveriam viver. As Tábuas da Lei foram entregues a Israel através de Moisés e por isso é chamada de "Lei de Moisés" ou "Lei Mosaica". Esta singularidade é caracterizada acima de tudo pelo monoteísmo, por adoração a um único Deus, no sentido de que Deus não deve a sua existência a nenhuma força natural e

³ Filho de Abrão com Sarah

⁴ Filho de Abrão com a escrava Hagar (egípcia)

⁵ Filhos de Isaac com sua prima Rebecca

nem é governado por nenhuma lei da natureza; e isto caracterizou toda a nação de Israel através de sua história, lutas, tanto externas quanto internas. (BÍBLIA, ÊXODO 20:1-21)

2.3 ASPECTO SOCIAL

A base desta entidade reside no homem mais do que no lugar; seu alvo não é tanto manter a unidade organizacional, mas criar uma realidade social mais desejável do que a já existente. O sistema social do antigo Israel não foi, portanto, simplesmente patriarcal, como se tem afirmado com frequência. Anciões, chefe da casa ou pais e chefes de família eram ativos na direção e planejamento dos negócios: os diretores e os chefes da congregação, assembleia, congregação profetas e mensageiros e juizes ou salvadores. Esta ordem social era de um carácter específico que muito influenciou a história de Israel e a formação do indivíduo em Israel.

2.4 ASPECTO TERRITORIAL

A nação começou com a chegada de Abraão à Palestina. A antiga tradição contém muitas histórias a respeito dos erros de Abraão através da terra, como ele recebeu a revelação divina, em muitos lugares e construiu muitos altares; como ambos ele e Isaac cavaram poços resolveram problemas com vizinhos invejosos. Também ouvimos a respeito da terra dos hebreus, aparentemente a área de Hebron ao sul de Beer Scheba onde habitaram. Assim, muitos topônimos hebraicos que apontam tipos de particularidades de cultura agrícola (“Belém” literalmente “casa do pão”, *Beit Ha- Kerem* “ a casa do vinhedo”, *Gat Rimon* “prensagem da romã” e *Beit Tapuach* “casa da maçã”) são indícios das raízes hebraicas em Canaã. Para os filhos de Israel, a quem a penúria levou ao Egito, e que foram escravos por muitas gerações, Canaã era ainda a terra de seus pais e seu próprio país; eles continuaram a ansiar por ela até que finalmente, sob a liderança de Moisés, deixaram o Egito para se dirigir para lá. (BÍBLIA, GÊNESIS 26: 12-35)

Este rápido levantamento da antiga tradição da consciência histórica judaica mostra que os traços decisivos de sua formação não foram o elemento tribal nem o nomadismo. Sem se

atribuir raízes autóctones em sua amada terra, ou grandeza política, ou mesmo ininterrupta liberdade pessoal (lembrando sempre o cativo) dá ênfase ao processo histórico de sua evolução etapa após etapa, o “povo de Deus de Abraão”, “A casa de Israel”, seus filhos e tribos até que, coma lei de Moisés, tornou-se uma “congregação” escolhida por seu deus para uma determinada tarefa espiritual e destinada a retomar a Terra de seus pais. Realmente, um novo capítulo na consciência histórica humana. Uma concepção histórica tão complicada poderia emergir de um rico legado cultural.

As excepcionais características presentes logo no início testemunham o fato de que o povo já tinha incorporado antigos princípios históricos baseados na oposição religiosa e social ao sistema monárquico prevalecente na babilônia, o crescente Fértil, norte da Síria e vale do Nilo. Foi a combinação de uma sociedade que sabia lutar, embora amante da paz, e um núcleo que aspirava a criar uma nova realidade religiosa e social, que deixou de ser a terra natal para encontrar um lugar no qual pudesse realizar suas aspirações, que teria que suportar um amargo período de escravidão e que conseguiu renovar o pacto religioso, tornando-se unido através dele e conquistando sua pátria foi isto que determinou o caráter e a história de Israel. Levando-se em consideração a continuidade da história judaica devemos sempre ter em mente a constante influência do caráter único da nação no seu nascimento.

2.5 QUESTÕES TERRITORIAIS DO POVO JUDEU

Segundo Schiffman (1991), A questão territorial do povo judeu tem início desde a origem dos primeiros povos na Mesopotâmia, com o povo Hebreu em 2.300 a.C. No Antigo Testamento, há muitos relatos sobre a presença do povo Hebreu na Mesopotâmia, o que foi reforçado por outras fontes históricas como os escritos encontrados do historiador judeu Flávio Josefo (37-100), nascido em Jerusalém.

Os Hebreus chegaram à Palestina em 2.000 a.C., em busca de melhores pastagens para seus rebanhos, aridez e carência de recursos naturais do território eram compensadas pelo Rio Jordão que, com uso de técnicas de irrigação, possibilitou o desenvolvimento da agricultura. Uma das principais fontes de pesquisa para a história do povo Hebreu é a *Torá*, que corresponde ao Pentateuco, os cinco primeiros livros do Antigo Testamento da Bíblia: Gênesis, Êxodo,

Levítico, Números e Deuteronômio. Segundo o livro de Gênesis, os hebreus comandados por Abraão, migraram da Mesopotâmia para Canaã (Palestina), a terra que Deus teria prometido a Abraão e a seu povo. Ali, construíram a base do judaísmo, religião monoteísta que é considerada o berço das duas religiões com o maior número de adeptos atualmente: o cristianismo e o islamismo. (Schiffman,1991)

Segundo a tradição bíblica, por volta de 1.750 a.C., um grande período de seca assolou a Palestina, e os hebreus migraram para o Egito. Naquela época, o Egito estava sob o domínio dos Hicsos⁶, que chegaram a contratar muitos hebreus para trabalhos diversos, confiando inclusive em importantes cargos públicos. Depois que os Hicsos foram expulsos pelos egípcios (no início do Novo Império), os hebreus passaram a sofrer perseguições e chegaram a ser escravizados.

Ainda, segundo a Bíblia, liderados por Moisés, os hebreus deixaram o Egito e iniciaram o retorno à Palestina, em um episódio que ficou conhecido como Êxodo. De acordo com a tradição judaica, durante o retorno à Palestina, Moisés recebeu de D'us (Deus) no Monte Sinai, as Tábuas da Lei, duas placas de pedra nas quais foi escrito o Decálogo⁷, também conhecido como Lei Mosaica, o Decálogo tornou-se a base das regras civis, morais e religiosas dos hebreus, tornando o monoteísmo ético em vigor até os dias atuais.

Moisés morreu antes de alcançar Canaã⁸ e Josué assumiu a liderança do povo hebreu. Quando chegaram à Palestina, os hebreus encontraram outros povos vivendo na região. Assim, sob o comando de Josué, iniciaram a luta pela conquista do território. Vitoriosos, os hebreus dividiram a Palestina em doze tribos lideradas pelos juízes, chefes militares e políticos escolhidos pelo povo. Apesar de autônomas, as tribos mantinham uma unidade cultural representada principalmente pela língua e pela religião. Pressionados pela ameaça de outros povos, as tribos de Israel constituíram um reino unificado, implantando a monarquia, tendo como líderes primeiramente Saul, depois Davi, quem conquistou e nomeou Jerusalém local para ser a capital política e religiosa, e, por fim, seu filho Salomão, quem fortaleceu o poder e construiu muitos palácios e templos, o qual se destacou o Templo de Jerusalém. Após a morte

⁶ foram um povo semita asiático que invadiu a região oriental do Delta do Nilo durante a décima segunda dinastia do Egito, iniciando o Segundo Período Intermediário da história do Antigo Egito.

⁷ Os Dez Mandamentos

⁸Terra prometida por Deus aos Hebreus

de Salomão instalou-se uma crise política que levou à divisão das tribos que ficou conhecido como *Cisma*, as dez tribos do Norte uniram-se e formaram o Reino de Israel, com capital em Samaria, e as tribos do Sul formaram o Reino de Judá, tendo Jerusalém como capital. Os habitantes de Israel passaram a ser chamados de israelitas ou samaritanos, e os de Judá tornaram-se conhecidos como judeus. Mas, crises frequentes enfraqueceram os dois reinos, os assírios dominaram o Reino de Israel, que foi assimilado culturalmente por outros povos, perdendo sua identidade hebraica. O Reino de Judá, em 586 a.C., foi conquistado pelo rei Nabucodonosor, do Segundo Império Babilônico, que destruiu o Templo de Jerusalém e levou o povo judeu para a Babilônia, esse episódio ficou conhecido como *Cativeiro da Babilônia* e durou até 539 a.C., quando os persas conquistaram o Império Babilônico e permitiram que os judeus retornassem à Palestina, e assim, de volta à terra de seus ancestrais, os judeus construíram o Segundo Templo em Jerusalém, em 516 a.C.

Em 63 a.C., uma nova invasão ocorreu quando a Palestina foi dominada pelos romanos, e após muitas lutas e revoltas até o ano 70 da era cristã, os judeus foram então expulsos da Palestina (chamada Judéia) e proibidos de retornar àquela região, tendo se dispersados pelas províncias romanas. Esse episódio ficou conhecido como *Diáspora Judaica*, termo que significa “dispersão”.

No final da primeira guerra mundial, a Palestina estava sob a administração civil britânica, chamada *Mandato Britânico*, que operou de 1.920 a 1.948. Em 29 de novembro de 1947, a Assembleia Geral da ONU, recomendou a adesão e implementação do *Plano de Partilha da Palestina* a fim de substituir o Mandato Britânico, dividindo a Palestina em dois Estados, um árabe e outro judeu. E, em 14 de maio de 1948, David Ben-Gurion, o chefe-executivo da Organização Sionista Mundial e presidente da Agência Judaica para a Palestina, declarou a independência, o que foi reconhecido imediatamente pela União Soviética e Estados Unidos no campo internacional. Mas, as nações árabes vizinhas invadiram o recém-criado país no dia seguinte, em apoio aos árabes palestinos.

De acordo com Braick (2016, p.118), o conflito entre árabes e judeus agravaram-se no início do século XX, quando o movimento sionista que passou a defender o retorno dos judeus para a região de seus ancestrais, com o apoio britânico, tentou implantar um projeto de

colonização da Palestina, promovendo um intenso programa de imigração de judeus para a região e de aquisição de terras.

Braick (2016, p.118), como retaliação, países da liga árabe Liga Árabe (Egito, Iraque, Transjordânia, Líbano e Síria) reagiram declarando guerra ao Estado judaico. Na guerra de 1948-1949, o Estado israelense, com o apoio dos Estados Unidos, derrotou seus inimigos e estendeu seu domínio para mais de 70% da região da Palestina. Esse conflito fez surgir um dos mais complicados problemas para a paz na região: um imenso número de refugiados palestinos sem território.

3 A CULTURA JUDAICA

De acordo com a Unesco (1972, p.157), a cultura judaica desenvolveu-se dentro dos amplos moldes da cultura helenística-romana. Na maioria das cidades gregas espalhadas ao longo da costa, na Transjordânia e em alguns pontos da Palestina central, a vida cultural foi formada de acordo com o modelo helenístico, com suas instituições educativas para jovens e crianças. Como em outros setores da vida, poderiam ser certamente encontrados pontos de contato e similaridade entre as instituições educacionais das cidades gregas e as instituições educacionais judaicas; contudo ocupavam na vida do povo, bem como sua posição em relação à cultura que a cercava, faz-se mister indicarmos de antemão os traços distintivos da escola judaica. A escola Judaica, em contrapartida, como veremos claramente, destinava-se a todas as crianças, visto que a lei judaica obrigava todos os pais e todos os povoados a cuidarem da educação das crianças. (UNESCO,1972, p.157)

Segundo a Unesco (1972, p.158), a escola helenística, em todos os seus níveis, ensinava a ler, a escrever e, geralmente, algumas outras matérias que preparam o estudante para a vida cívica, ao passo que a escola judaica, como veremos, destinava-se a instruir o discípulo na leitura e no entendimento da escritura sagrada, e no conhecimento da lei Oral de modo a prepará-lo para o estudo da torá e para o culto divino. (UNESCO, 1972, p.158)

Pode-se aceitar como fato histórico que, na época do sacerdócio de *Ioschua ben-Gamala*, nos últimos anos da segunda Reunião (63-65 d.C.), um importante passo foi dado para estender a obrigatoriedade da criação de escolas a todas as cidades. Fontes tanaísticas dos anos que se seguiram à destruição do templo (70-135 d.C.), incluem a escola entre as instituições essenciais que cada cidade é obrigada a estabelecer. (UNESCO, 1972, p.159)

Conforme a Unesco (1972, p.160-161), no que se refere ao ensino da Torá aos adultos, notamos diferentes atitudes: houve os que pensavam que não se devia ensinar a Torá ou formar discípulos, salvo entre os idôneos, habilitados e “puros de coração”, e havia os que ensinavam qualquer homem e não examinavam abertamente aqueles que vinham estudar Torá. Contudo, no que se refere ao ensino da Torá às crianças, estava claro que se devia incluir todas as crianças, o filho de um mendigo ou de um homem rico, o filho de um Haver (indivíduo) ou de um personagem ilustre da cidade, junto com os filhos dos homens ignorantes e pessoas de baixa

estirpe ou mesmo os filhos de vários malfeitores e homens perversos. A educação não era ministrada gratuitamente e os pais tinham que pagar os honorários do professor, mas a cidade participava de uma outra maneira, pagando aos escribas e repetidores e possibilitando, assim, a educação dos filhos dos muitos pobres, bem como a dos órfãos que nada podiam pagar. (UNESCO, 1972, p.160-161)

A educação e o ensino, que eram considerados obrigatórios para todos, incluíam duas principais etapas: a leitura dos trechos substanciais da bíblia e, em segundo lugar, a lei Oral, que significava principalmente o estudo da *Mishná*. Nossas fontes se distinguem claramente entre o “escriba” e o repetidor (da *Mishná* que originalmente era transmitida oralmente) e haviam instituições separadas, uma escola para Torá e uma “academia” para a *Mishná*. Os estudos começavam entre os cinco e os sete anos de idade e, aos doze ou treze, o discípulo de estudo concluía os seus estudos. De acordo com a *Mishná*, o estudo é dividido em duas fases. Aos cinco anos, começa-se o estudo da Torá, aos dez anos o estudo da *Mishná*.(UNESCO, 1972, p.161)

Conforme Unesco (1972, p.161), a tradição referente à fundação de escolas por *Ioschua ben-Gamala* também diz que “São trazidos à escola aos seis ou sete anos de idade.” O *Amorá Rav* (sábio) recomenda a um dos famosos professores de crianças em sua geração (a primeira parte do século III), *Rabi Schmuél bar Schilat*, diz o seguinte: “ Com menos de seis não os aceites; aos seis anos, aceita-os e empanturra-os (com Torá) como bois”. A lei exige que o pai se interesse pela educação de seu filho até a conclusão da primeira fase dos estudos: em meados do século II, entretanto, os *rabis de Uscha* preceituaram “que um pai deveria sustentar seu filho até os 12 anos” e somente então é que deveria começar a fazê-lo participar de seu trabalho ou estudo de um ofício. No período dos *Amoraim* (do século III até o final do século V), este se tornou o costume predominante: enviar o filho à escola até os doze ou treze anos de idade. (UNESCO, 1972, p.161).

Para a Unesco (1972, p.162), no século III, os jovens em sua maioria eram educados nas escolas para o estudo das escrituras e, em menor escala, naquelas para o estudo da lei Oral. Essas duas instituições formam a espinha dorsal do sistema educacional elementar que moldou a cultura da maior parte da sociedade judaica. Nessas escolas a educação e instrução destinavam-se integralmente a inculcar o conhecimento da Torá e a educar a criança para as

boas ações, respeito cívico e atitude filial. Os dirigentes de Israel acreditavam que o conhecimento da Torá levasse ao comportamento religioso e social adequado. (UNESCO,1972, p.162)

Por volta de 130 da era cristã (próximo à época da rebelião de *Bar Kochba*) levantou-se e discutiu-se entre os sábios o problema de saber se o “estudo” era mais importante do que as “ações” ou se estas eram preferíveis aquele; “todos concordaram em que o estudo tinha primazia, pois conduz às ações”. (UNESCO, 1972, p.162)

Outras ciências, como a matemática (*Guemetriot* como a chamavam) ou a Astronomia não estavam incluídas no currículo e pareciam “não essenciais à sabedoria”, isto é, conhecimento da Torá. Essa atitude impediu o estudo dessas ciências mais tarde. (UNESCO, 1972, p.163)

Durante esse período no século III, a educação e instrução escolar tinham um carácter específico tanto em seus objetivos como em seus métodos. A educação tencionava, no conjunto, capacitar a criança a ler os livros da Torá, e os profetas conduzi-la a uma compreensão de modo a que todo o conhecimento da Torá fosse suficiente para servir como base à absorção da tradição da lei Oral. Como veremos a seguir, a intenção básica era fazer a criança participar do estudo público da Torá e encorajá-la a participar do desenvolvimento e expansão da tradição oral. A leitura não era ensinada através da escrita ou com a ajuda, mas antes pela aprendizagem de forma das letras, pela repetição dos sons que representavam e, a seguir, pela repetição de palavras de capítulos inteiros. A tradição da lei oral era adquirida ouvindo as palavras do professor e pela repetição e memorização. Não se estudava a escrita nas escolas. A cópia das letras e, num estágio posterior, a cópia de sentenças completas e capítulos das escrituras, era feita pelo professor e não pelo aluno. A escrita era ensinada separadamente não como parte do currículo escolar; não obstante era razoavelmente difundida e o conhecimento da leitura certamente tornava-se mais fácil. O conhecimento da escrita não alcançou a extensão da leitura que era posse comum de todos. Havia eruditos, mesmo os mais notáveis de sua geração, que não conheciam essa técnica e um dos sábios da primeira metade do século III, sustentou a opinião de que um erudito devia adquirir o conhecimento da escrita para usá-la no interesse da comunidade. (UNESCO, 1972, p.163-164)

Afirma Unesco (1972, p.165), a história e caráter da educação judaica se entrelaça com a história da cultura e da fé no período da segunda reunião (Construção do Segundo Templo) no tempo em que a Torá assume uma importância maior na vida do povo e no desenvolvimento da sociedade e relações sociais. Iniciando-se com as primeiras gerações da segunda reunião, a Torá não era apenas forma a base do direito civil e modo de vida individual, mas é igualmente o livro de estudo e meditação para todo o povo. As escrituras e a tradição oral fundada sobre ela fundem-se como uma força conjunta, que moldou e formou não só o direito civil e religioso, mas também o código individual e padrão de comportamento desde o nascimento até a morte, em sua vida familiar e seu meio ambiente. (UNESCO,1972, p.165).

O conhecimento da Torá, que era, portanto, difundido e diversificado, procurava sempre ativar alunos e ouvintes e não se contentava com uma audiência passiva simplesmente. A tradição no tratado *Avot* relata que *Rabi Iohana ben-Zakai*, disse a cinco de seus mais importantes alunos que “fossem e averiguassem qual caminho correto que deve um homem seguir”, e então: “Disse-lhes que fossem e averiguassem qual caminho do demônio que o homem deve evitar”. O pregador costumava também sugerir perguntas a seus ouvintes (UNESCO, 1972, p.168).

O sermão não passa, em sua estrutura, de uma resposta ampliada à questão proposta inicialmente. Pode-se aprender mais a respeito da participação ativa do público no sermão considerando-se que eventualmente o pregador sugere uma ideia durante a interpretação do texto e o público não aceita suas palavras.

Rabi Hanina, amoraim da primeira geração após a codificação da *Mishná*, declarou certa vez: “Aprendi com meus mestres muito e com meus amigos aprendi mais que com meus mestres, mas com quem mais aprendi foi com meus discípulos”. (UNESCO, 1972, p.168).

O estudo público da Torá e o aumento do número de discípulos dependia certamente da educação elementar que abrangia a grande maioria dos jovens do sexo masculino e dava-lhe pelo menos um conhecimento básico dos livros da Bíblia.

A escola para crianças possuía um valor moral e religioso de direito, acima e além de sua situação prática e institucional. O estudo da Torá pelas crianças é totalmente puro, pois

jamais provaram o pecado. Os sábios consideravam a manutenção regular das escolas o segredo da sobrevivência e força do povo. (UNESCO, 1972, p.171)

As pressões para suspender os estudos nas escolas, nas circunstâncias em que estava Israel nesses dias, não foram superficiais por um curto ou um longo período; todavia, os professores públicos resistiram vigorosamente a esse tipo de pressão. Em nome de *Rabi Iehudá Hanassi*, patriarca em meados do século III, diz: “Ninguém deve suspender os estudos da escola para crianças, ainda que seja para a construção do templo”.

3.1 EDUCAÇÃO DO PERÍODO ELEMENTAR DAS INSTITUIÇÕES JUDAICAS

Antes de dar início a elucidação que se refere à educação infantil no judaísmo, retornaremos a alguns pontos em que se baseiam os aspectos históricos da tradição judaica.

A história do povo Judeu é cercada, essencialmente, pelo *Torá* (Bíblia Sagrada), o estudo da língua hebraica, base para compreensão do texto sagrado que evidencia a importância da poesia Hebraica nos livros de Salmos. Além disso, os judeus tomaram partes não somente na literatura, mas também em estudos seculares, tais como, matemática, astronomia, filosofia, acima de tudo, medicina e farmacologia (GOITEIN, 1969, p.183).

As famílias eram compostas por comunidades de imigrantes e descendentes espalhadas pelo Iraque, Irã, Ásia Central. Nos serviços, segundo Goitein (1969):

Ocupavam-se com a conservação de suas casas de oração, sedes de conhecimentos religiosos e tribunais. Os serviços sociais, que são atualmente proporcionados pelas autoridades locais e estaduais, eram naquela época de responsabilidade da Sinagoga: educação das crianças pobres, cuidados com pessoas de idade, indigentes, órfãos e viúvas, provisão de abrigos para viajantes necessitados e resgate para cativos, assim como ajuda em muitos casos especiais. (GOITEIN, 1969, p.194)

A partir dessas concepções e estabelecendo uma alusão à educação tem-se o encerramento do período *Talmúdico*⁹. Neste período, verifica-se que a cultura judaica se

⁹ Livro conhecido pela junção de dois textos sagrados de leis Oraís e discussões sobre ética e costumes

desenvolveu aos padrões da cultura helenística-romana, essencialmente, por aqueles povos que estavam nas cidades e aldeias Palestinas e Babilônicas.

No que diz respeito à educação judaica de crianças que é o objeto de nosso estudo, o ensino hebraico foi adquirido aos moldes similares à do ensino grego. Porém, com algumas diferenças pontuais, em relação ao ensino grego as camadas mais ricas da população tinham acesso às escolas, mas os filhos de uma população rural jamais tiveram oportunidades iguais aos filhos dos homens que tinham uma situação econômica elevada. Todavia, a educação hebraica privilegiava a todos, sem distinção de ricos e pobres, e ainda, mestre e professores obrigavam os pais a cuidarem da educação de seus filhos. Apesar disso, o ensino não era gratuito, os pais mais ricos pagavam os honorários dos professores para que seus filhos tivessem boa educação e o estado pagava para os pobres que não tinham condições. No tocante às instituições, em cada cidade havia escolas e junto delas *sinagogas*¹⁰.

A educação incluía duas etapas principais: leitura da *Torá* (Lei), base do judaísmo histórico, e a *Mishná*¹¹ ambas entendidas como um todo indissociável.

As crianças a partir dos cinco anos até os sete anos aprenderiam as leis orais através de *escribas*¹² e *repetidores*¹³.

O término de estudo das crianças seria por volta dos doze e treze anos e aqueles que decidissem prosseguir nos estudos era consentido assenta-se aos pés do professor da *Torá* e poderia viver alguns anos nos centros de estudos.

A prática da educação no judaísmo, entretanto, vai além do puro e simples acompanhamento dos princípios religiosos judaicos. Ela visa ao desenvolvimento do ser humano como um todo, em suas facetas intelectuais, emocional, comportamental e moral, e propõe uma prática voltada a todas as atitudes do indivíduo, no seu dia a dia, desde as mais simples até aquelas consideradas mais complexas e difíceis de lidar. (SZPICZKOWSKI, 2008)

¹⁰ Local de culto

¹¹ Leitura oral

¹² Homens que dominam a escrita

¹³ Treinados para repetir os trechos orais

Atualmente as crianças começam a ser ensinar na *Torá* a partir dos 3 anos e a educação compete somente aos pais e aos seis anos cabe ao professor na *Heder*¹⁴ que será pago pelos pais.

3.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL

A importância destacar dentro da cultura judaica o estudo desde cedo, refere-se aos ensinamentos da *Torá* dados em casa, pelos familiares, pais e avós das crianças. Neste caso, a forma de aprendizagem intencionais, mas que não estão institucionalizadas, como educação informal, por que a educação se recebe e se transmite por herança.

Conforme Szpiczkowski (1997, p.56) Assim que a criança começa a falar, aprende passagens-chave da *Torá*, segundo o versículo: “A *Torá* que *Moshê* nos ordenou é o legado da congregação de *Yaacov*”. (BÍBLIA, DEUTERONÔMIO 33:4)

Afirma Szpiczkowski (1997), embora, tecnicamente a obrigação de ensinar *Torá* seja do pai, a educação mais eficaz é com frequência feita pela mãe visto que é ela quem passa mais tempo com os filhos. Além disso, compete também a ela uma abordagem mais delicada de transmissão de conhecimento dos valores morais judaicos.

Segundo Szpiczkowski (1997), a *Torá*, uma criança não é obrigada a cumprir *mitsvot* (*mandamentos*) até atingir a idade adulta. Apesar disso, há uma *mitsvá* (*boa ação*) de origem rabínica, conhecida como *chinuch* (*educação*)¹⁵ em que os pais treinam seus filhos a cumprir *mitsvot* e os privam de fazer algo que atente contra os princípios da *Torá*. *Chinuch* significa moldar o caráter da criança e guiá-la, passo a passo, pelos caminhos que a ajudarão a torná-la uma pessoa íntegra e um bom judeu em sua totalidade.

Szpiczkowski (1997), a *mitsvá* de *chinuch* determina que a criança é capaz de cumprir aquela *mitsvá*. Inicialmente, os pais ensinam recitar as bênçãos sobre vários alimentos e algumas preces básicas. Para tanto, meninos e meninas recebem tarefas diferentes, o menino cobre a cabeça e usa *kipá* (espécie de chapéu) e *tsitsit* (*túnica*), e as meninas começam a acender

¹⁴ Instituição Judaica

¹⁵ O termo *Chinuch* significa educação dos filhos.

velas de *Shabat* (*sábado*). Uma caixinha de *Tsedacá* (caridade) deverá ser colocada na prateleira de seu quarto, como um lembrete constante e encorajamento a repartir a sua mesada com os menos favorecidos, no decorrer de cada dia de sua vida.

3.3 A ESCOLA

As escolas judaicas devem ser antes de tudo apropriadas à atmosfera da Torá, na qual a atuação de seus diretores e professores sejam coerentes e de total compatibilidade com os ensinamentos das Leis. Eles devem ser indivíduos tementes a Deus, cujo comportamento seja irrepreensível uma vez que o estudo da Torá é completamente diferente de qualquer outro – não poderá jamais ser encarado como mais uma matéria do currículo escolar.

3.4 DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E DA LINGUAGEM INFANTIL

Lev Semenovich Vygotsky (1836-1934) foi um autor russo, que desenvolveu os seus estudos na área da educação e psicologia. A seguir, veremos as relações entre pensamento e linguagem da criança, através da reflexão de Vygotsky. Há uma ampla pesquisa feita pelo autor, porém será trazida para o trabalho somente a parte que se refere às características das fases dos estágios de desenvolvimento da linguagem de Vygotsky.

Vygotsky (1996) descreve os estágios do desenvolvimento da linguagem, por força da interação social, a criança progride e evolui ao longo de três estágios no desenvolvimento da fala.

O primeiro estágio no desenvolvimento da linguagem é a fala social (fala externa), abrange os dois primeiros anos de vida. O início deste estágio é um estágio de pré-fala. É caracterizado por sons, como choros, balbucios, gritinhos, que expressam emoções e estados psicológicos simples, como fome, raiva e contentamento. Durante essa fase, o pensamento é predominantemente não verbal. Após surgir as primeiras palavras surge a fala social, que é utilizada principalmente para controlar o comportamento dos outros.

A fala egocêntrica, que surge entre os 3 anos e os 7 anos, é a fala que estabelece a relação da fala social (externa) e a fala privada (interna). É caracterizada a criança falar de si mesma, como uma forma de organizar seu próprio comportamento. Nesta fase ocorre a fala individual e verbal.

A fala interior, que inicia de 7 anos em diante, refere-se ao falar para si mesmo, é organizar o nosso falar para nós mesmos, indica que estamos vivos e conscientes, que permite observar e dirigir o nosso pensamento e o nosso comportamento.

A linguagem oral, explica Vygotsky (1996, p.27), ela é considerada comunicativa, pois a expressão anterior por meio dos sons e gestos também social: “De início, a palavra é um substituto convencional do gesto; aparece muito antes da crucial descoberta da linguagem por parte da criança, e antes que ela seja capaz de operações lógicas.”

A palavra torna-se um instrumento muito importante na internalização do discurso. Segundo Vygotsky (1996, p.27), “a fala social da criança divide-se em social, divide-se em fala (comunicativa) e egocêntrica. ”

Segundo Blaj (2008, p.19):

Apropriação da palavra pela criança, que passa a estabelecer uma relação nova de brincadeira e compreensão do mundo que a cerca, torna-se-elaborada na interação social que possibilita, aos dois aproximadamente, a entrada da função simbólica, ou seja, a capacidade de representar realidades ausentes e de se expressar de forma mais organizada, por meio do diálogo. (BLAJ, 2008, p.19)

De acordo com Blaj (2008, p.19), “a palavra é o símbolo mais comum, por meio dela que as crianças se comunicam e percebem que algo pode ser dito e será entendido pelo outro”.

Vygotsky (1996) A linguagem é um processo contínuo do pensamento, assim, a linguagem pode ser tida como um desenvolvimento funcional que é dado a partir do pensamento. A linguagem é uma forma de tradução do pensamento, pode ser interpretada de maneira simbólica ou ainda como percepção do que está acontecendo. As características da linguagem: Pode ser verbal ou não verbal, é articulada como sistema de comunicação e inata.

3.5 TEORIA DA MEDIAÇÃO

Vygotsky (2007) defende que o aprendizado do indivíduo não pode ser dissociado do contexto histórico, social e cultural em que está inserido. Para aprender, elaborar conhecimentos e para se autoconstruir, o ser humano precisa interagir com outros membros da mesma espécie, com o meio e também com a cultura.

Na construção teórica Vygotsky (2007) aponta a abordagem da cultura e a sua articulação no conjunto das categorias por ele usadas podem ser percebidas pelo menos em duas relações: a cultura no social (histórico) e a cultura na aprendizagem sendo que ambos os casos a cultura estão envolvidos na mediação.

Percebe-se que Vygotsky (2007), ao utilizar o termo cultura, se preocupou em explicar como a cultura está envolvida no processo histórico-social, no desenvolvimento das funções mentais e na aprendizagem, ressignificar o ser humano em ser biológico em um ser social (cultural).

Na educação judaica aprendizagem mediada o ensino da *Torá* se dá pelo país, cuja principal mediadora é a mãe que tem o compromisso de passar os ensinamentos e a transmissão do conhecimento dos valores judaicos para criança, pois acredita-se que a mulher tem um nível espiritual mais elevado de compreensão das escrituras, onde se processa a educação informal.

Nas escolas judaicas e sinagogas o professor e rabino são mediadores da aprendizagem da transmissão da cultura, tradição e ensino da *Torá* Oral e escrita, estabelecem organização da rotina de estudo que é feita em duplas e ou grupos para o estudo da *Torá*, como forma de interação, exercitam a interpretação das escrituras sagradas e o levantamento de questões que levam ao desenvolvimento de inúmeras respostas, para construção do conhecimento dos alunos. Utilizam-se métodos de memorização de textos e palavras, desde que a criança aprendia a falar, também a leitura em voz alta ajudava no auxílio da memorização, como exemplo, o uso de textos de Salmos e Provérbios, é na interação por meio da linguagem e dos símbolos como parábolas, que se realiza a mediação do indivíduo com a cultura, onde ocorre a educação formal.

O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de

instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica. (VYGOTSKY, 2007, p. 56).

Segundo Vygotsky (2007), o conceito de internalização que ocorre quando o indivíduo internaliza o conhecimento para consolidar o aprendizado, a aquisição do conhecimento permite aprender por meio da experiência do outro. As discussões da Torá Oral e das leis entre professor e aluno ocorre a partir do momento que o aluno através da leitura das escrituras destrincha questionamentos que leva a várias respostas, fica claro que a zona desenvolvimento proximal é quando o aluno já detém o conhecimento do conteúdo e que apenas o professor interage na mediação para que o aluno alcance seu potencial e aprimorar os conhecimentos já adquiridos.

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar por meio da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

3.6 PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO JUDAICA

No judaísmo é uma *mistvá* (boa ação), mandamento positivo, agradecer a Deus pelo alimento que ingerimos, tanto sólido quanto líquido, também após saboreá-los.

Quando se ensina uma criança a recitar uma *brachá* (bênção), antes de colocar algum alimento na boca. Ficamos surpresos ao descobrir que princípios básicos tão profundos de espiritualidade Divina encontram nas palavras simples de uma criança ao pronunciar uma bênção e o alto nível alcançado de uma alma judia, – ainda mais a de uma criança – ao compreender o sentido destas palavras em sua vida.

“*Baruch Atá Adonai Eloheinu Melech HaOlam*” “Bendito Senhor Deus, Rei do Universo”. (Tradução nossa).

A bênção começa com *Baruch* (Bendito) se referir a Deus. A criança abençoa ao Todo Poderoso. Uma criança judia possui a força de abençoar o Criador do Universo e colocar em cada uma de suas palavras a pura verdade na qual acredita. A palavra Baruch significa atrair a criança atraí para a Divina Providência ao nosso mundo por meio de sua bênção.

A segunda palavra é *Atá* (Tu) a criança se dirige a Deus chamando-o de Tu, como se estivesse falando com alguém bem próximo e pessoalmente (face a face), pois do contrário a expressão deveria ser *Hu* (Ele). Este é um dos princípios da educação: despertar em sua consciência e ações de que Deus está realmente ao seu lado, ao alcance de sua voz, regendo e importando-se com seu rumo, e não somente nos céus ou em algum local sagrado, longínquo. Deus está tão perto que ela pode recorrer a Ele pronunciando *Atá* (Tu), pois está presente em todos os lugares.

Em seguida encontramos o nome de Deus (*Hashem*), ao qual se refere *Atá* e a tradução deste nome sagrado, como está escrito no *Zohar* (Coletânea de Livros). A criança entende que sua presença é infinita e constante, e não passageira. O *Pardes* (divisões) define este nome Divino com a ideia de que Deus renova a existência de cada ser e a todo instante.

A palavra *Elokeinu* é traduzida pelo *Shulchan Aruch* “*Elokeinu, Cocheinu*”, nosso Deus, nossa força ou poder. Isto é; Deus não é somente o Eterno e o Criador do Universo, senão também a força e a vitalidade de tudo e de todos. Inclusive da própria criança, de seus e de toda a criação. O entendimento é passado na simples pronúncia de uma bênção de que toda a espécie de força e poder que a criança encontra em si e ao seu redor é o Coach (força) de Deus.

A lição contínua nas palavras que ela deve recitar “*Melech HaOlam*” (Rei do Universo). Não é suficiente saber que Deus é o Criador, luz e força do mundo, pois pode ser que posteriormente alguém pense que logo após criá-lo e fortalecê-lo o mundo é guiado por si mesmo. Por essa razão a criança deve saber que Deus é *Melech HaOlam*, o Rei e Guia do Universo e que nada, por mais insignificante que seja, se realiza sem a *Hashgachá Elioná* (Supervisão Divina).

4 CULTURA E CULTURA ESCOLAR

4.1 CULTURA

A palavra cultura, em seus aspectos mais gerais, possui incontáveis definições. Na busca de sua definição, temos vários enfoques dentre os quais a princípio pode-se lembrar aquele que considera como determinante da forma de pensar e agir de um povo, sociedade ou nação.

Segundo o dicionário Aurélio Online (2018), pode significar “Ato, arte, modo de cultivar”. De acordo com o historiador Alfredo Bosi (1992, p.11), “a palavra cultura advém da palavra *colo* que significa em latim “eu moro, eu cultivo”.

Segundo Eagleton (2005, p.19), no século XVIII, houve uma viragem no pensamento cultural e, nesse contexto, “a palavra cultura tornou-se sinônima de civilização”, ou seja, no amplo sentido etnográfico.

De acordo com Lefrançois (2016, p.254), “Cultura para Vygotsky é a interação social que está envolvida no desenvolvimento da cognição. Por interação social, a interação da criança com aquilo que ele chama de cultura.”

4.2 CULTURA ESCOLAR

A cultura escolar refere-se a práticas de saberes e modos de transposição didática de diferentes conteúdos, comportamentos e normas sociais realizados na escola. Além disso, visa distinguir os processos de transmissão cultural de uma dada sociedade dos processos de transmissão da cultura escolar, que seguem sendo reproduzidos através de gerações por membros de um mesmo grupo social. A partir desta definição, podemos definir a grosso modo, definir cultura escolar como um conjunto de saberes presentes no cotidiano da escola.

Para Julia (2001, p.10):

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a

finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001 ,p. 10).

A religião judaica que juntamente com a cultura e a tradição constitui a base da educação judaica, que é a referência identitária do povo judeu que se tem permanecido há 50 séculos, ou seja , há mais de 5 mil anos. Neste contexto, constrói a identidade do povo judeu nas características físicas, hábitos alimentares, músicas, festas, folclore, arte. Trata-se da construção de uma cultura e suas peculiaridades.

A educação na religião judaica sempre foi um tema importante, na tradição judaica os mais velhos têm a obrigação de transmitir os conhecimentos para os mais novos. Na própria Torá e outros livros considerados sagrados, há exemplos de referências à importância do recebimento e da transmissão de conhecimentos entre indivíduos.

Neste contexto a cultura escolar , no caso da educação judaica está entrelaçada com a sociedade, comunidade e religião, um diálogo entre a instituição educacional e a comunidade. Pode-se observar que a aproximação de elementos da tradição judaica, como festa, folclore e religião, traça uma ponte entre a escola e a referência que a criança traz consigo suas procedências judaicas.

Segundo Dayan (2021, p.164), “É interessante observar que , dentro da cultura judaica, o papel da criança ou lugar dela na sociedade não sofreu mudanças, em vários milênios de história.”(DAYAN, 2021,p.164). A educação é passada de geração em geração para guiar o povo, mantendo a cultura, a tradição escrita e oral.

Observa--se no livro de (Bíblia, Êxodo 13:1-2) “Quando Moisés estava pronto para levar a *Torá*, D’us¹⁶ pediu uma garantia ao povo. O povo judeu ofereceram os filhos e D’us prontamente aceitou. ”

Para Dayan (2021), entende-se que dentro da comunidade judaica, o papel da criança é que junta o elo entre as gerações, continuidade da cultura e tradições que perpetuam durante séculos.

Segundo a Coordenadora educacional da escola Judaica Tradicional de São Paulo¹⁷ Renata Udliis, é trabalhado na escola com alunos do ensino infantil a comemoração do *Pessach* ou *Sêder Pessach* (Cerimônia da Páscoa) trazendo a tradição judaica, através da festa da

¹⁶ No judaísmo, não usamos o nome completo de D’us em sinal de respeito.

¹⁷ Entrevista cedida ao Jornal da Gazeta.

contação de história da libertação do povo de Israel do Egito relembram de fatos acontecidos há milênios, que cada judeu tem por mandamento narrar às futuras gerações esta libertação.

Nota-se que a criança pode aprender em situações formais e informais de aprendizado, há uma interação entre comunidade e escola, tem -se por exemplo o Pessach o aprendizado se dá na escola e em casa.

De acordo Szpiczkowski (1997, p.57), “a função da escola consiste em desenvolver as noções básicas que a criança adquiriu na infância, em casa, numa busca, de integração harmoniosa entre lar e escola, e que favoreçam o desenvolvimento educacional do aluno.”

4.3 CURRÍCULO PARA EDUCAÇÃO INFANTIL DO BRASIL

Cada escola tem a sua cultura escolar e o seu currículo, sua especificidade de como é organizada o currículo escolar, o ensino dos conteúdos que serão ministrados no ensino infantil, a equipe pedagógica que atende diante da demanda da cultura da sociedade que está inserida e que está diretamente ligada no cotidiano dos alunos.

Na cultura escolar a educação judaica visa o resgate de tradições culturais e religiosas, o espaço entre o passado e o presente. Mas na educação infantil a escola judaica é voltada a atender crianças judias e de famílias judias ou crianças de origem judaica que um dos familiares são judeus.

Todas as escolas judaicas no Brasil são particulares, pois uma educação para atender todos os membros da comunidade judaica, os pais são responsáveis pela educação dos filhos em casa, já na escola cabe aos professores o ensino judaico.

Segundo Mandelert (2005), a escola judaica pode ser religiosa ou não. Apesar da escola ser fundamentada em uma religião, a escola judaica laica não é religiosa, há uma distinção entre a escola judaica laica e a escola denominada de religiosa. A escola judaica laica é vertente culturalista, assim o que é ensinado na escola laica é cultura judaica, suas tradições, a língua hebraica, o folclore, a literatura. Já as escolas religiosas ensinam religião fundamentada na fé judaica e na Torá.

A escola judaica tem duas funções extremamente importantes: a transmissão de valores judaicos para a formação de uma identidade e é um ponto de encontro para os judeus espalhados pela região. Trata-se de uma minoria cultural, esta convivência escolar é fundamental, é lá que

tem a vivência da cultura e conhecer outros judeus. A escola atua, no sentido de preservação da cultura. Na escola judaica podemos observar a importância das redes sociais formadas através delas. O objetivo é reforçar os laços da comunidade judaica como também na relação família-escola (MANDELERT, 2005).

Neste capítulo apresentamos como são organizados e de onde partiram os recentes currículos para a educação infantil do Brasil e de Israel que estabelece o diálogo com a sociedade e a cultura para que se constituíssem suas referências.

Os currículos que serão apresentados apoiam o projeto de documento desenvolvido pela agência judaica de intercâmbio cultural e elaboradas pela professoras da educação infantil , Chaguim Laktanim Currículo de Cultura Judaica para a Idade Infantil , Festividades e comemorações judaicas , que norteia o que é ensinado nas escolas judaicas do Brasil, inclusive em São Paulo. É importante mostrar as concepções da educação do Brasil de acordo com o Referencial Curricular Nacional.

Barocas (2005, p. 184), aponta [...] “A escola de educação infantil, como transmissora de valores sociais, ética e tradição, tem como função importante propiciar a descoberta da criança do conjunto de costumes das festividades e de seu racional.”

Para o professor, o currículo também é uma prática norteadora das práticas educacionais, que está inserida dentro da cultura escolar para serem trabalhadas em sala de aula desde o ensino infantil, articulando teoria e prática dentro do espaço escolar.

A educação infantil no Brasil passou a ser, pela CF/88 no art.208 inciso IV. “Dever do estado e direito da criança”. Surgiram outros documentos para a regulamentação nacional da educação como o ECA de 1990 e a promulgação da LDB de 1996.

A LDB, pela lei nº 9394/96, estabelece de forma incisiva o vínculo entre o atendimento às crianças de zero a 6 anos à educação. No Brasil, a educação das crianças de zero a seis anos é considerada a primeira etapa da educação básica, o parágrafo destaca o desenvolvimento integral da criança e a parceria da instituição com a família.

A elaboração do material referencial curricular nacional feito pelo MEC com a finalidade de organizar , alinhar e articular os conteúdos das propostas pedagógicas pautadas na concepção da infância e de seu universo cultural. Ele foi editado em 1998, e formulado uma série de orientações pedagógicas que visam contribuir para uma educação de qualidade no Brasil e para o exercício da cidadania das crianças brasileiras.

Vale ressaltar, que há uma relação entre a cultura da sociedade e a cultura escolar, não existe uma neutralidade entre tempo e espaço dentro do ambiente escolar, a partir do conceito de infância e de cultura. A influência cultural da instituição escolar, como suas especificidades do desenvolvimento infantil que integram aspectos afetivos, sociais, cognitivos e culturais embasadas no referencial:

o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, etc.;

o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;

o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;

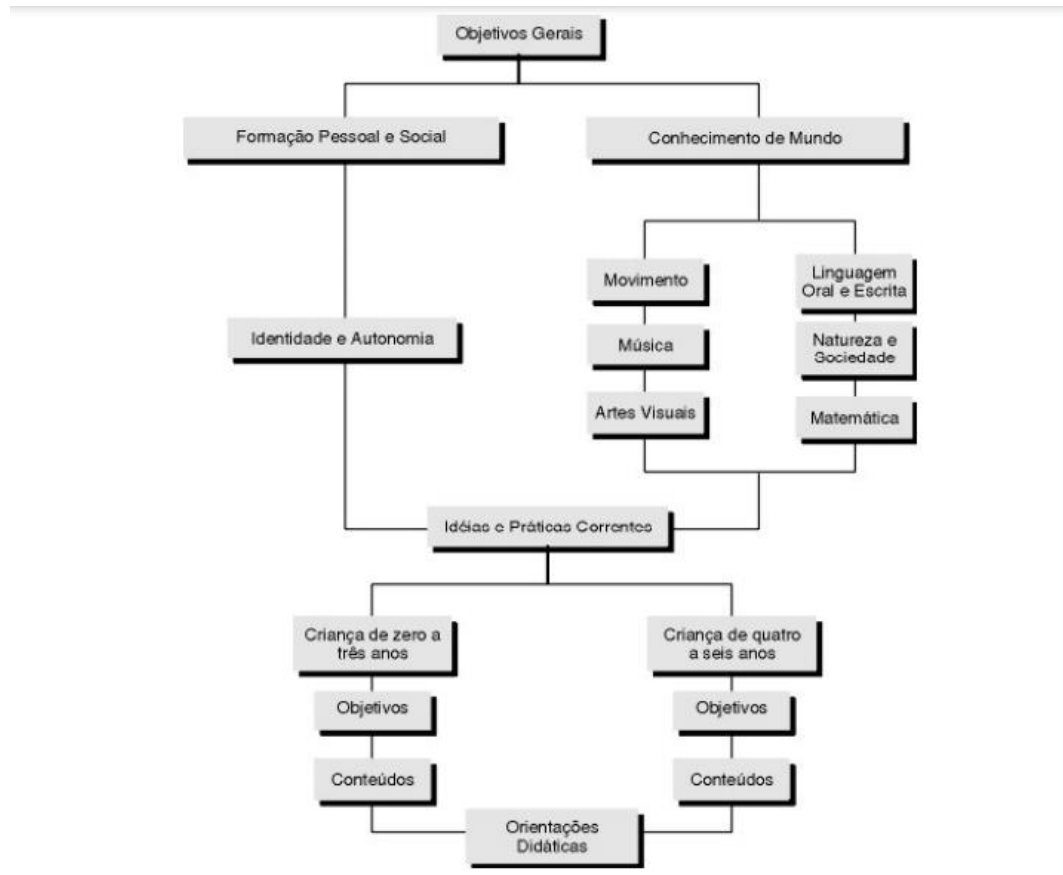
a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;

o atendimento aos cuidados essenciais, associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (BRASIL, 1998, v.1, p.13)

Observa-se que a criança nasce em um contexto social, cultural e familiar que está inserida, quando ela entra na escola ela começa a participar das atividades ligadas a cultura escolar da instituição escolar ampliam sua visão de mundo. Quando a escola compreende sua origem a criança passa a ser socializada, busca interagir com outras crianças de comunidades distintas, assim ampliando o seu conhecimento cultural da interação social abrindo novas possibilidades de compartilhar com os outros e aprender o que a escola oferta.

A estrutura curricular do referencial curricular nacional elaborada pelo MEC abrange conteúdos a serem trabalhados na educação infantil, abordando a formação da criança para chegar ao conhecimento o ‘saber fazer’, a fim de estimular a aprendizagem. Vimos a estrutura do referencial curricular que forma a criança no aspecto geral, formação social e conhecimento de mundo.

Figura 1: Estrutura do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil



Fonte: BRASIL (1998).

No tocante a área de Humanas dos currículos da educação infantil, de acordo MEC apresenta os conteúdos:

participação em atividades que envolvam histórias, brincadeiras, jogos e canções que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outras;
 conhecimento de modos de ser, viver e trabalhar de alguns grupos sociais do presente e do passado;
 identificação de alguns papéis sociais existentes em seus grupos de convívio, dentro e fora da instituição;
 valorização do patrimônio cultural do seu grupo social e interesse por conhecer diferentes formas de expressão cultural.
 (BRASIL, 1998,v.3,p.181-182)

A cultura seja étnica, religiosa , escolar, sobressai dentro de outras culturas. A educação infantil, como transmissora de valores sociais, cultura e tradição, tem como função proporcionar

à criança a descoberta de costumes das festividades que estimulam o desenvolvimento cognitivo da criança.

De acordo com Barocas (2005,p.8):

[...] A criança que estuda na Escola Judaica, desde a mais tenra idade, tem a possibilidade de estar em contato com um entorno favorável à construção e à transmissão destes valores, por meio da interação de qualidade com educadoras, com outras crianças, e com objetos significativos à sua volta. (BAROCAS, 2005,p.8)

Ao longo dos anos das duas últimas décadas o referencial curricular passou a nortear o conteúdo ministrado nas escolas.

A integração curricular dos recursos didáticos nas escolas judaicas feita no Brasil, inclusive em São Paulo em 2005, compõe o livro *Chagim Laktanim Currículo de Cultura Judaica para a Idade Infantil, Festividades e comemorações judaicas*. É elaborado por Barocas, que contou com a participação, que contou com a participação de professores, coordenadores e diretores de instituições de ensino formal de São Paulo.

Este processo teve como objetivo:

criar um espaço para discussões e debates sobre a essência e os conteúdos ligados à Cultura Judaica na Educação Infantil;
criar materiais curriculares relevantes e adequados ao contexto sócio-cultural local, considerando o Referencial Curricular Nacional de Israel, no que diz respeito à Cultura Judaica, o Referencial Curricular Nacional do Brasil, a Abordagem de Adequação ao Desenvolvimento e as Propostas Pedagógicas das próprias Escolas Judaicas participantes no projeto (de corrente tradicional e de tradicional-ortodoxa). (BAROCAS, 2005,p.7)

Quadro 1: Tradição e Festividades na Escola Judaica Tradicional.

Gradação de conteúdos de acordo com a complexidade			
Festas	Símbolos e costumes:	Conceitos e conteúdos:	Significado dos conceitos:
<i>Iamim noraim (Rosh Hashana e Iom Kipur)</i>	<i>shofar, tapuach bidvash, machzor, rimon, kartis bracha. *Mitzvot: tfila, tkia beshofar, birkat shana tova, tzom, bakashat slichá.</i>	<i>Rosh Hashana, Iom Kipur, slichot. *Mitzvot básicas. tfila, tkia beshofar, birkat shana tova, tzom, bakashat slichá *Costumes:</i>	<i>Rosh Hashana, asseret imeit tshuva, Iom hakupurim, machzor. *Mitzvot: tfilat bakasha, slichot, kol nidrei, neila, tkiat shofar, jejum,</i>

		<p><i>birkat shana tova, bakashat slichá, maassim tovim, birkat iehi ratzon.</i></p>	<p>“<i>shehechianu</i>”.</p> <p>*Costumes: demonstraco de arrependimento, pedido de desculpas, boas aoes, <i>birkat “iehi ratzon”, birkat ktiva vechatima tova</i>, refeico que interrompe o jejum.</p>
<p><i>Sukot e Simchat Torá</i></p>	<p>Símbolos e costumes: <i>suka</i>, folhagem, enfeites, <i>arbaat haminim</i> (quatro espécies), <i>hakafot</i>, bandeira. *<i>Mitzvot</i>: “<i>ieshiva bassuka</i>” e a <i>bracha</i>.</p>	<p>Conceitos: <i>ieshiva bassuka, arbaat haminim.</i> *<i>Mitzvot</i>: construço da <i>suka</i>, “<i>leishev bassuka</i>”, <i>arbaat haminim</i>.</p>	<p>Significado: <i>ieshiva bassuka, ushpizin, arbaat haminim.</i> *<i>Suka kshera, hidur mitzva.</i> *<i>Brachot.</i></p> <p>*<i>Tfilat halel, mitzvot</i> da alegria, “<i>vessamachta bechaguecha</i>”. * Conceitos: término da leitura e reinício, <i>Shabat bereshit, chatan</i></p> <p><i>Tora, chatan Bereshit, hakafot.</i></p>
<p><i>Chanuka</i></p>	<p>Símbolos e costumes: <i>chanukia, kad, sevivon, nerot Chanuka, shemen zait, sufgania, leviva.</i> História do <i>Beit Hamikdash</i> e os <i>hashmonaim</i>. * <i>Bracha</i> de acendimento das velas.</p>	<p>Símbolos e costumes e seus significados. Os elementos centrais da história da festa. *<i>Bracha</i> de acendimento das velas. *<i>Mitzvot: hadlakat nerot</i> (acendimento das velas) - lugar e tempo, <i>chanukia kshera.</i></p>	<p>Conceitos: “<i>baiamim hahem bazman haze</i>”, “<i>guiborim beiad chalashim</i>” que indefesos, “<i>rabim beiad meatim</i>”.</p> <p>*História da festa e ênfase nos valores: ligaco, cumprimento das <i>mitzvot</i>, liberdade, amor à terra. *<i>Mitzvot</i>: difuso do milagre, o tempo, o lugar e a forma de acendimento da</p>

			<p><i>chanukia.</i> * <i>Brachot</i> ligadas ao acendimento das velas e “<i>al hanissim</i>”, “<i>shehechianu</i>”, “<i>halel</i>”.</p>
<p><i>Tu Bishvat</i></p>	<p>Frutas de Israel. Partes da árvore: raiz, galhos, folhas, fruto. *<i>Mitzvot: seudat Tu Bishvat.</i> *<i>Brachot: bracha “al pri haetz”.</i></p>	<p>Frutas de Israel e suas características. A árvore e suas partes. O cuidado com a árvore. *<i>Mitzvot: de plantio, refeição.</i> * <i>Bracha “al pri haetz”.</i></p>	<p>Nome e significado: <i>Tu Bishvat.</i></p> <p>Árvore, bosque e floresta: importância para o homem e a natureza.</p> <p>*<i>Mitzvot: mitzva</i> do plantio. *<i>Brachot: “hanehenin”, “shehechianu”, “bal tashchit”.</i></p>
<p><i>Purim</i></p>	<p>Símbolos e costumes: <i>meguila, raashan, massecha, tachposset, ozen Haman.</i> Os personagens na história da <i>Meguila.</i> * <i>Mitzvot: mishloach manot, seudat Purim, kriat hameguila.</i></p>	<p>Símbolos e costumes e seus significados. Leitura da <i>Meguila</i> e o milagre de <i>Purim.</i> *<i>Mitzvot: kria bemeguila, seuda, mishloach manot, matanotlaevionim.</i></p>	<p>História da <i>Meguila</i> e idéias centrais: o milagre – “<i>venahafoch hu</i>”, perigo do exílio, união do povo e ajuda mútua. Significado dos costumes da festa. O conceito: “<i>baiamim hahem bazman haze</i>”. *<i>Mitzvot: compreensão do significado das mitzvot da festa.</i></p> <p>* <i>Bracha “al hanissim”.</i></p>
<p><i>Pessach</i></p>	<p>Símbolos e costumes: <i>matza, maror, charosset, Hagada, kearat haPessach.</i> Elementos centrais da história da saída do Egito. *<i>Mitzvot: bdikat chametz,</i></p>	<p>Símbolos e costumes: <i>hagada, kearat haPessach, leil haseder.</i></p> <p>História da saída do Egito. *<i>Mitzvot e os motivos para</i></p>	<p>Nomes da festa.</p> <p>História da saída do Egito e idéias principais: cumprimento da promessa, “<i>beiad chazaka ubezroa netuia</i>”, pragas do Egito, saída</p>

	<i>biur chametz, leil seder, kushiot, afikoman, arba kossot.</i>	<i>cumpri-las.</i>	do Egito. <i>Sfirat haomer</i> como expectativa para a entrega da <i>Torá</i> . * <i>Mitzvot</i> , seu significado e “ <i>bal ira uval imatze</i> ”.
<i>Iom Haatzmaut</i>	Símbolos: <i>deguel, semel hamedina.</i> História da festa. * <i>Mitzvot</i> : <i>tfila</i> pela paz no país - primeiro versículo.	Símbolos do país: <i>deguel, semel, Meguilat Haatzmaut, himnon.</i> História da fundação do país em linhas gerais. * <i>Mitzvot</i> : <i>tfila</i> pela paz no país - primeiro versículo; <i>tfila</i> pela paz dos soldados do exército de Israel - primeiro versículo.	Símbolos da festa e seus significados. Perspectivas desde a promessa até a fundação do país. A pátria: salvação e começo do florescimento. Independência política: primeiros conceitos. O país e sua capital. * <i>Mitzvot</i> : <i>tfila</i> pela paz no país, “ <i>halel</i> ”; <i>tfila</i> pela paz dos soldados do exército de Israel.
<i>Lag Baomer</i>	Símbolo e costume: <i>medura.</i> Histórias de <i>Rabi Shimon Bar Iochai.</i>	<i>A medura</i> : regras de construção e cuidado. Histórias de <i>Rabi Shimon bar Iochai.</i>	Histórias de <i>Rabi Akiva e Rabi Shimon Bar Iochai</i> e pontos centrais: ligação com a leitura da <i>Torá</i> , amor à terra, luta pela liberdade espiritual, auto suficiência exígua e *cumprimento das <i>mitzvot</i> . Valores: “ <i>veahavta lereacha</i> ”, “ <i>lo habaishan lamed</i> ”. Regras e meios para o cuidado e segurança no tempo de manuseio do fogo. * <i>Hilula de Rabi Shimon Bar Iochai.</i>
<i>Iom Ierushalaim</i>	Símbolos de <i>Ierushalaim.</i> Marcos na cidade: <i>Kotel</i>	Símbolos da cidade em épocas diferentes. <i>Ierushalaim</i> - a capital. Locais especiais na	Importância da cidade como capital de Israel e símbolo de união do

	<i>Hamaaravi, Knesset, Migdal David, Beit Hanassi.</i> Músicas de Ierushalaim.	capital. Músicas de <i>Ierushalaim.</i>	povo. Sítios arqueológicos. Nomes da cidade: <i>Ir Hakodesh, Birat Hanetzach, Ir Hashalom, Ir David, Tzion, Tiferet Israel.</i> Significado de locais especiais: <i>Kotel Hamaaravi, Har Hatzofim, HarHertzl, Beit Hanassi, Knesset.</i> Vegetação característica da cidade. * <i>Ierushalaim</i> nas rezas e <i>brachot.</i>
<i>Shavuot</i>	História passada no <i>Har Sinai.</i> Costumes: <i>maachalei chalav,</i> enfeites com folhagens.	História passada no <i>Har Sinai</i> e significado do dito “ <i>naasse venishma</i> ”. Os cinco primeiros mandamentos. Costumes: <i>maachalei chalav, kriet asseret hadibrot.</i>	O acontecido no <i>Har Sinai:</i> entrega da Torá. A aliança entre Deus e Israel (“ <i>naasse venishma</i> ”). <i>asseret hadibrot.</i> Significado dos cinco primeiros mandamentos. <i>Shalosh regalim.</i> * <i>Mitzvot: “halel”, “shehechianu”.</i> * <i>Tikun Shavuot.</i>

Fonte:BAROCAS, ESTER BARZELLAI.*et al.*Chaguim Laktanim. Currículo de Cultura Judaica para a Idade Infantil, Festividades e comemorações judaicas. São Paulo: Agência Judaica de Intercâmbio Cultural, 2005,186-187.

Obs: O acréscimo do asterisco (*) denota a adaptação à educação tradicional religiosa brasileira.O currículo tem base no referencial curricular nacional de Israel.

Cada instituição elabora a construção de seu próprio currículo na escola judaica, tem como finalidade dialogar com os alunos e transmitir os valores judaicos que estabelece uma ponte entre a escola e a comunidade, que possibilita a formação do cidadão do mundo que pertence a comunidade judaica.

Desta forma, a elaboração dos currículos conta com a participação da equipe pedagógica, alunos e familiares.

4.4 DADOS SOBRE A EDUCAÇÃO JUDAICA

Dimenstein (2007), apesar de terem apenas 12 milhões de religiosos no mundo todo, 25% destes são ganhadores do Prêmio Nobel. Entre judeus existe uma reverência obsessiva pelo conhecimento, que vem de gerações. É o chamado povo do livro. Será que é isso que os tornariam tão diferentes em relação à educação?

O rabino é a pessoa mais importante da comunidade religiosa, porém ele não possui autoridade diante de Deus, sua função é ser intérprete das leis, ou seja, um intelectual. Dentro da comunidade Judaica os Rabinos sempre aplicaram os ensinamentos da Torá. Todavia, o analfabetismo sempre foi muito baixo entre os judeus. A educação não é vista como uma responsabilidade apenas da escola, mas em primeiro lugar, da família e, depois, da comunidade. Como exemplificamos anteriormente, educa-se em casa, na sinagoga e também na escola. Aprende-se, portanto, todo o tempo e em todos os lugares. Como o judeu é o povo que a mais tempo tem sido perseguido na história da humanidade, desenvolveu-se a sensação do desafio permanente isso se traduz na ideia de que o estudo é a melhor defesa e também a coisa mais segura para ser carregada. Nessa junção dos capitais humano e social, tem-se a receita não do desempenho intelectual de um povo, mas da força divina da educação, replicável por qualquer agrupamento humano. (DIMENSTEIN, 2007).

4.5 JUDEUS NO BRASIL (TAXA DE ESCOLARIDADE)

Para Dimenstein (2005, [n.p]*):

Com base em dados do IBGE, o professor de Economia do Trabalho da Universidade Federal do Rio de Janeiro Marcelo Paixão constatou que os judeus brasileiros têm um nível de renda, escolaridade e expectativa de vida superior ao dos noruegueses, os campeões mundiais de desenvolvimento humano. Criado pela ONU para medir a evolução social dos países, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é composto de três critérios: expectativa de vida, renda e escolaridade. Nenhuma nação bate a Noruega. A vantagem dos judeus brasileiros ocorre especialmente por causa do quesito escolaridade: acima dos 25 anos de idade, 63% deles estão cursando ou já concluíram o ensino superior. “Admito que os dados me surpreenderam”, conta Marcelo Paixão, economista com mestrado em engenharia de produção, que se prepara

para apresentar, no próximo mês, tese de doutorado em sociologia sobre desigualdade e questões étnicas no Brasil. Não há nenhum segredo na prosperidade desses imigrantes. Muitos menos quaisquer bases para se especular sobre uma suposta superioridade étnica ou racial. Além de tirar proveito de um país em crescimento, beneficiaram-se da mistura de supervalorização da educação com o envolvimento da família e da comunidade no aprendizado de suas crianças e adolescentes. Compartilhar responsabilidades com a escola é uma medida de capital social, ou seja, da rede de relação de confiança entre os indivíduos para enfrentar desafios. A reverência à escrita e à leitura fez com que os judeus montassem a primeira rede pública de que se tem notícia na humanidade. Não existe superioridade racial ou étnica. O que existe é a combinação da valorização do saber com capital social: dá resultados, em maior ou menor grau, em todos os lugares, independentemente do credo, raça e nacionalidade. Mas, para as escolas públicas serem melhores, é necessário que a sociedade ou, pelo menos, sua elite, acredite no valor supremo da educação. O IDH dos judeus no Brasil e no Oriente nos revela que o ensino do futuro está mais nas mãos dos economistas do que dos educadores. Educadores não são apenas professores, mas todos aqueles capazes de fazer a junção do aprendizado, família, escola e comunidade como se fossem um ambiente articulado e inseparável.

Isso significa, entre outras coisas, campanhas conscientizando os pais para se envolverem no aprendizado dos filhos, a abertura de espaços complementares à escola (os meios de comunicação incluídos) para manter os alunos estudando mais tempo, incluídas a formação de professores que saibam não só dar aulas, mas compreendam de educação comunitária. Exige-se uma nova função no magistério: cada escola deve ter, pelo menos, um profissional treinado para saber envolver as famílias e a comunidade. (DIMENSTEIN, 2005, [n.p]*)¹⁸

¹⁸ [n.p]*- documento digital não paginado.

5 SABERES DO JUDAÍSMO

No desenrolar da história Judaica, existiram vários pensadores cuja influência sobre as gerações que os sucederam continua evidente até os dias de hoje. Trataremos a partir deste ponto, salientar os principais sábios de grande prestígio para a Cultura Judaica.

Maimônides

Segundo Rosado (2014), Maimônides, nasceu em Córdoba, Espanha, 1135, Seu pai que lhe deu a grande parte de seu treinamento religioso, era um homem erudito (culto) de uma família rabínica (mestres). Em 1160, sua família se estabeleceu em Fez, Marrocos, lugar em que recebeu ensinamentos médicos. Após intensa peregrinação de sua família, por motivos de guerras e imposições de outras religiões, estabeleceu-se em Fustat, a Cidade Velha do Cairo, no Egito. Sua perícia médica era tão renomada, que se diz que o Rei Ricardo Coração de Leão, da distante Inglaterra, queria fazer dele seu médico particular.

Maimônides procura estabelecer um equilíbrio entre o corpo e a alma, rejeitava uma fé cega. Portanto, todas as coisas que acontecem no mundo, tanto físico quanto espiritual, tinham uma explicação do porquê acontecem. Desta forma, levou o sábio a escrever sua primeira obra “*Mishneh Torah*” .

“*Mishneh Torah*” era um guia tão prático, que os líderes judeus chegaram a rejeitar a troca pelo *Talmude*. Maimônides organizou de uma forma revolucionária, dando uma nova vida ao sistema judaico que não podia assimilar ao Torá ou reconhecer um modo mais simples de entendê-la. Líderes judaicos o veem como um sábio além de seu tempo, um homem da renascença.(ROSADO, 2014)

6 CONCLUSÃO

Como a transmissão da história, cultura e educação judaica se dão na infância no passado até os dias atuais? Essa foi a questão que direcionou as etapas desta pesquisa.

Ao longo do estudo da pesquisa, vimos na história fatos marcantes como a ‘dispersão’ do povo judeu e duas ‘diásporas’, a educação sempre foi prioridade para o povo judeu, apesar das inúmeras imigrações, pois o que levavam consigo era o conhecimento que adquiriam através do hábito de leitura e o estudo constante dos ensinamentos da *Torá* escrita e oral para que não caíssem no esquecimento de suas raízes, independente do local que estivessem.

A busca incessante pelo conhecimento por meio dos estudos levou o povo de Israel a preservação da sua cultura, tradição transmitida de geração em geração, simboliza o elo entre as gerações, pois até 1948 eram considerados apátridas.

Percebe-se que na educação judaica é formada por 3 eixos: religião, cultura, tradição constitui a base da educação e que durante séculos não houve o processo de esvaziamento da cultura, se mantém independente do contexto social, político e econômico.

E o que define a educação judaica se manter viva? Os mais velhos têm a responsabilidade de transmitir os conhecimentos para os mais novos e o elo que dá continuidade a essa transmissão são as crianças do presente que serão os adultos de amanhã.

No contexto da educação judaica observa-se que a educação formal e informal está presente no cotidiano na vida das crianças judias o que se aprende na escola, também se aprende em casa, a partir da cultura escolar possibilita a construção do diálogo entre escola e a comunidade na qual a instituição está inserida que forma a prática de saberes do cotidiano escolar, através da transposição didática é o saber ensinar e o saber ensinado no espaço escolar, pois a educação é um processo de aprendizado. Desse modo, notamos os traços culturais, o modo de pensar e agir do povo judeu que consolidou a educação como meio de sobrevivência através dos tempos.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO. **Dicionário do Aurélio Online 2018.**

Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/cultura>>. Acesso em: 8 maio 2023.

BAROCAS, Ester Barzellai. *et al.* **Chaguim Laktanim**: Currículo de Cultura Judaica para a Idade Infantil, Festividades e comemorações judaicas. São Paulo: Agência Judaica de Intercâmbio Cultural, 2005,186-187.

BRASIL. Ministério da educação. Área do ensino religioso In: BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: ME, 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 14 jun. 2023

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Brasília, MEC/SEF, 1998. vol.1,p 13.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Brasília, MEC/SEF, 1998. vol.1-3,p.181-182.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Brasília, MEC/SEF, 1998. vol.1, p 13.

BOSI, Alfredo. Colônia, Culto e Cultura In: **Dialética da Colonização**.São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAICK, Patrícia Ramos. **História: das cavernas ao terceiro milênio** / Patrícia Ramos Braick, Myriam Brecho Mota - 4. ed. - São Paulo: Moderna, 2016.

BLAJ, Linda Derviche. **Sukot e Purim na educação infantil: um encontro da infância e da cultura judaica**. 2008. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DAYAN, Tamara Metzger. Criança, brincadeira e histórias: um esboço de análise. **Cadernos de Pós-graduação**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 163-175, jan./jun. 2021. Disponível em:<<https://doi.org/10.5585/cpg.v20n1.18492>>.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Judeus e Japoneses são mais inteligentes?**. Folha de São Paulo cotidiano. São Paulo: 24 abr. 2005. - Diário. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2404200513.htm>> Acesso em: 28 fev. 2023.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O judeu é mais inteligente?**. Folha de São Paulo coluna pensata. São Paulo: 6 nov. 2007. - Diário. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/gilbertodimenstein/ult508u342911.shtml>> Acesso em: 28 fev. 2023.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

EAGLETON, Terry. **Uma ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

GOITEIN, Solomon Dov. **Uma sociedade mediterrânea: as comunidades judaicas do mundo árabe retratadas nos documentos do Cairo Geniza**. Berkeley : University of California Press, 1967 – 1983.. 4 vol.

GOITEIN, Solomon Dov. Cairo: uma cidade islâmica à luz dos documentos de Geniza. Em Lapidus. *In*: IRA, M. (ed.). **Cidades do Oriente Médio**. Berkeley : University of California Press, 1969.

JORNAL DA GAZETA. **Comemoração do Pessach**. [S.I:s;n],2018. 1 vídeo.(2:41 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cUUyd0RfI_o>. Acesso em: 16 maio 2023.

LEFRANÇOIS, Guy R. **Teorias da aprendizagem: o que o professor disse**. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

MANDELERT, Diana. **Pais na gestão da escola: mudam as relações? Uma análise sociológica de uma instituição judaica**. Rio de Janeiro: PUCRio, 2005. Disponível em:<<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7197/7197.HTM>>. Acesso em: 9 jul. 2023.

ROSADO, Layli Oliveira. Saber religioso e saber filosófico nos escritos de Maimônides (século XII E.C.). *In*: XVI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUD-RIO, 2014, **Anais...** Rio de Janeiro, 2014. p 1-8. Disponível em : <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400550200_ARQUIVO_AnaisLayliRosado.pdf>, Acesso em: 23 jun. 2023.

PARÂMETROS CURRICULARES PARA O JARDIM DE INFÂNCIA DE ISRAEL, Misrad hachinuch, hatarbut vehasport, Haagaf lechinuch kdam iessodi, Jerusalém, Israel, 1998. trad. Rosely Mandelman para **Currículo de Cultura Judaica para a Idade Infantil, Festividades e comemorações judaicas**. São Paulo: Agência Judaica de Intercâmbio Cultural, 2005. Anexo 2.p.184-187.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia**. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica Publicações, 2008. 1110 p.

SZPICZKOWSKI, Ana. **Educação e Talmud, Uma Releitura da Ética dos Pais**. São Paulo, Brasil. Disponível em:< <http://www.hottopos.com/mirand15/anaszp.htm>>, Acesso em: 28 fev.2023.

SZPICZKOWSKI, Ana. A educação no Judaísmo. **Revista de Estudos Orientais**. São Paulo ,n.1, p. 55-61, 1997.

SCHIFFMAN, Lawrence Harvey. **From text to tradition: A History of Second Temple and Rabbinic Judaism**. [S.l.]: KTAV Publishing House, 1991.

UNESCO.*et al.* **A vida e valores do povo judeu**. 1ª. ed. Trad: Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.